

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A inconsistência de Latour na sua simetria entre natureza e sociedade.

Carlos Alvarez Maia.

Cita:

Carlos Alvarez Maia (2009). *A inconsistência de Latour na sua simetria entre natureza e sociedade*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/23>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A inconsistência de Latour na sua simetria entre natureza e sociedade

Carlos Alvarez Maia

Departamento de História

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LEHC – Laboratório de estudos históricos da ciência

alvarez@iis.com.br

A história das ciências nasceu com uma perspectiva objetivista e realista na qual o **sujeito em posição passiva** meramente descobria os fatos da Natureza. A Natureza é que era a produtora – **ativa** – de fatos. Imperava então o modelo epistemológico sujeito-objeto, supostos como independentes, e que separava Natureza e Cultura. O conhecimento científico, logo verdadeiro, era reflexo da Verdade da Natureza, das Leis da Natureza. O cientista era um mero leitor do Livro da Natureza.

Durante o século XX este modelo, sujeito-objeto, foi duramente criticado. Mostrou-se quanto o sujeito é um agente construtor, ativo, que interfere no produto do conhecer. Especialmente com o aparecimento do “programa forte de sociologia do conhecimento” de David Bloor e S. B. Barnes, na década de 1970, consolida-se um olhar construtivista radical.

Este programa “forte”, caracterizado por seu “princípio de simetria” (Bloor, 1991), expõe a necessidade de tanto o conhecimento considerado verdadeiro quanto o falso serem construções sociais e torna-se o alicerce da nova sociologia do conhecimento científico – *sociology of scientific knowledge*, SSK, base dos *social studies of science*, SSS. Assim se implode o lugar de confinamento em que a sociologia da ciência estava aprisionada até esse instante, somente autorizada a tratar dos desvios da verdade e da objetividade científicas, a posição madrasta da “sociologia do erro”.

Nessa nova sociologia, os fatos científicos são colocados entre aspas – “fatos” – devido à insurgência da sociedade, do social. É a era da “construção social da realidade”. Com isso abriu-se a arca das fantasmagóricas alternativas relativistas e as subjetividades alçam vôos soturnos. A

realidade passa a ser vista como uma construção, a objetividade é encarada não mais como uma aura do objeto “real” mas como um acordo entre sujeitos, um consenso intersubjetivo. É a fase do “construtivismo sociológico” que parece prescindir de qualquer referência ao mundo.

Ao seu lado surge um novo componente, a linguagem como questão, o que radicaliza ainda mais esse processo construtivista. O caráter discursivo de uma prática se apresenta como a forma de agenciamento efetivo pelo qual a realidade é constituída. Ocorre aí a fratura total da clássica trilogia significante-significado-referente que amparava a certeza das palavras falarem sobre o “real”. A palavra não mais se conecta univocamente às coisas do mundo. O referente de um discurso desaparece do horizonte material, concreto. Nem mesmo o seu significado é bem determinado e os significantes entrelaçam-se entre si, sem um pouso no “real”. Assim, a realidade, lingüística e societária, esfumaça-se e o realismo científico é olhado com desconfiança e ceticismo. O referente emudece. Não há mais como distinguir a realidade da ficção e, doravante, tudo se mostra como discurso, “o mundo é texto”, diz-se.

Dos múltiplos e diferenciados herdeiros dessa “revolução paradigmática”, há uma reação que se tornou notável e diferenciada. Essa reação, capitaneada por Bruno Latour e Michel Callon, mostra-se bastante crítica dos relativismos sócio-lingüísticos e termina por rejeitar a nomenclatura de “social” para marcar seu afastamento dessas correntes. Isso justifica uma outra designação: estudos de ciência e tecnologia – *science and technology studies*, STS.(Pickering, 1992) O cerne da questão é escapar dos arroubos relativistas sem recair na antiga tradição da objetividade que emerge das coisas em si, dos fatos da natureza, dos eventos que compõem a realidade do mundo. Seu alvo é enfrentar tanto o construtivismo sociológico como o lingüístico, advogando algum “neo-realismo” que dê às práticas científicas o direito de estarem falando sobre o mundo, mas que simultaneamente também o construam. Assim, a realidade persiste como construção societária mas é igualmente um agente ativo, com alguma autonomia dos sujeitos. Dessa forma, relativismo e realismo embaralham-se sem que nenhum deles alcance uma posição absoluta. Esta é a novidade que merece uma leitura detalhada.

Mas como Callon-Latour realizam e justificam esse passo?

Habilmente, eles solicitam uma certa paridade entre os agentes humanos e as coisas do mundo – por eles denominada “simetria generalizada” – rompendo com o relativismo radical decorrente

daquele construtivismo que propõe a ação estrita dos humanos em sociedade. A solução dada poderia ser equivalente a de um **agenciamento coletivo recíproco**, mas infelizmente Callon-Latour perderam a oportunidade de fazê-lo ao se deixarem aprisionar pela terminologia de “simetria”. Se tivessem abraçado a idéia de “reciprocidade de agenciamentos” em vez da de uma “simetria geral”, certamente estariam enriquecendo com novos agenciamentos a sociologia, de então, confinada ao conceito de “atores” sociais, os únicos agentes que poderiam atuar. Mas eles não deram tal passo.

Entretanto, se aí poderia se encontrar uma bela solução o que efetivamente houve foi um grave problema, Callon-Latour introduzem clandestinamente uma aporia ao privilegiarem sua luta política contra Bloor. Inspirados na semiótica estruturalista de Greimas, eles desenham uma proposta que pretende ultrapassar e vencer a orientação dada pela simetria de Bloor. Callon apresenta um “Princípio de simetria generalizada” – que ampliaria o de Bloor, visto com incompleto – a partir da simetria greimasiana. Greimas já operava com a ação de actantes – fossem quais fossem suas medidas ontológicas, coisas ou seres humanos – como agentes equivalentes entre si, simétricos, no texto. Ora, no projeto de uma semiótica estruturalista as posições funcionais – as posições actanciais – são agenciamentos *textuais* simétricos, tratam-se de **agentes linguísticos que atuam NO texto**. Já em Callon-Latour o que ocorre é uma efetiva paridade entre agentes que se transformam em **agentes materiais que atuam NO mundo**. Os actantes textuais ficam, assim, ontologizados. Bactérias, portas, ácido láctico, enfim, as coisas tornam-se agentes “simétricos” aos humanos, de funções textuais transformam-se em entidades volitivas no mundo. Como texto, esses humanos e não-humanos eram posições “simétricas” referidas ao quadrado de oposições binárias, estruturais, de Greimas. Mas, ao utilizarem o “quadrado de Greimas” no mundo material, dá-se o embaraço: esses actantes não-humanos transmudam-se em seres com arbítrio. As coisas do mundo são antropomorfizadas em narrativas animistas, em relatos hilozoístas. Ao invés de explicarem etnograficamente como as coisas interagem com os humanos, Callon-Latour produzem uma retórica que simula este agenciamento. Para constituir a simetria, todos se transformam em agentes humanóides, são entes antropofomes, e assim, “simétricos”.

Humanos e não-humanos simétricos – como Latour se apraz em designar – e que considero mais adequado se tivessem dito: agentes recíprocos de uma **nova teoria da ação**. Uma teoria da ação, esta seria a boa novidade, que escaparia da circunscrição das subjetividades socializadas, de seus jogos de linguagem sem referente no mundo. Penso que esse aspecto seria decisivo e inesperado. Teríamos um novo salto compreensivo que inauguraria novas sendas de trabalho para as ciências

históricas do homem ao lado de tantos outros atrevimentos que norteiam os STS. Teríamos a proposta de agência para coisas, um agenciamento recíproco, material.

Mas Callon-Latour entraram em luta mertoniana com Bloor, uma disputa por prestígio na academia como inauguradores de uma nova proposta que superava a antiga, a de Bloor. Assim, para vencer Bloor, um princípio **“generalizado”** mostra-se uma ótima estratégia; afinal, sua nomenclatura amplia aquela do princípio blooriano, mais simples. Mas é uma tática desnecessária. A proposta de uma “nova teoria da ação”, mesmo que postulada *ad hoc*, já seria suficiente para esse propósito. Mas eles optaram por uma denominação enganosa. O que se nomeia “simetria de humanos e não-humanos” poderia ser de fato a reciprocidade de agenciamento entre as coisas e os “atores” humanos.

Há dois problemas aí e estão articulados:

- 1 – a noção de um agenciamento recíproco – para ter utilidade – solicita que se explicita como tal interação efetivamente ocorre. É necessária uma explicação antropológica que mostre o modo concreto pelo qual as coisas interagem com os humanos. Mas, pelo uso da “simetria”, ela fica sem demonstração e isso é grave. Este é o nó górdio e nossos autores não o desatam, ou melhor, eles simplesmente simulam fazê-lo, através de um jogo retórico;
- 2 – trata-se da qualidade dessa simulação, dessa retórica. A idéia de “simetria” mascara o que efetivamente ocorre. Simula uma explicação da forma de agenciamento recíproco e substitui a demonstração dessa reciprocidade por relatos animistas. A interação com as coisas é apresentada por uma falácia anímica. A oratória hilozoísta substitui a necessária explicação etnográfica, que é omitida. A antropologia, assim, é substituída por uma “generalizada” antropolatria para o mundo. No lugar de uma “teoria da ação”, inovadora, Callon-Latour enredam-se em um velho animismo medieval redivivo.

Esses impasses criados por Callon-Latour merecem mais atenção aqui. Há necessidade de se compreender como os objetos do mundo efetivamente atuam – a agência material das coisas – e também aquilo que Callon-Latour insistem em omitir sobre a diferença entre humanos e não-humanos: a condição histórica do homem que invalida uma “simetria ontológica generalizada”.

O AGENCIAMENTO DAS COISAS: A AGÊNCIA MATERIAL

A “teoria da ação” que percebo como subentendida no imbróglio da simetria callon-latouriana é, na sua essência, equivalente a desvendar a maneira concreta pelas quais as coisas atuam sobre os humanos, ou seja, reconhecer o agenciamento para os objetos materiais do mundo: a agência material. Uma agência material ocorre sempre que o objeto **afetar** um humano.

Estamos tão habituados a entender o agenciamento como um ato volitivo de humanos que as mais óbvias e cotidianas ações materiais passam despercebidas, tornam-se invisíveis. Tal como a exercida pelo ar que respiramos. Ou as mais impactantes coerções realizadas pelo mundo natural – como as que são produzidas pelo sol e pelos elementos climático-meteorológicos. A rotina do movimento solar aparente no horizonte é uma das mais primárias determinações dos ciclos diários do nosso metabolismo e da vida em geral. Essas formas de agência material afetam diretamente a constituição da história humana.

Imagine-se uma forma mais sutil de agência, seja o homem primitivo em suas andanças e que se depara ante a presença de uma gruta protetora ao cair de uma noite fria e chuvosa. Esse abrigo imprevisto é o resultado de uma agência material sobre o indivíduo nômade. A natureza afetou, apresentou sua sugestão de uso, fez sua indicação de uma aplicação prática para aquela gruta. Cabe ao indivíduo captar a “recomendação” feita e simplesmente usá-la. (Asplen, 2006) A agência material “recomenda” seletivamente algumas transformações para o viver social.

Uma clara evidência de como a agência material atua encontra-se em cada ferramenta e utensílio fabricado desde os tempos mais arcaicos. O mesmo pode ser encontrado nos instrumentos e aparelhos técnicos mais recentes. Cada artefato produzido é uma consequência, um produto acabado do agenciamento ocorrido. A ferramenta decorre da interação homem-natureza, ela é uma produção humana porém também é simultaneamente um produto natural. Desvenda-se a agência fazendo a **etnografia desses artefatos**, uma etnografia da fabricação e das utilizações das ferramentas. Assim, cada ferramenta fornece o “corpo”, a materialidade de uma agência, e representa também uma habilidade humana situada historicamente e decorrente do nosso enfrentamento ao agenciamento material

O QUE FALTA AO HUMANÓIDE DE LATOUR

A proposição de simetria termina por fazer a equivalência onológica entre os agentes. Essa noção de simetria entre humanos e não-humanos parece um *nonsense* para historiadores que se perguntam “que humano é este de que fala Latour?”.

Ao delinear sua narrativa no estilo de um drama pitoresco, como instrumento de sua ação política para derrotar Bloor, Latour define uma estratégia pessoal de produção de impacto e diferenciação autoral, que surpreende o leitor com seu relato de apelo dramático, coisa que sem dúvida esse autor realiza com sucesso e elegância. Porém o enredo explícito nos embates entre os actantes – por sua dramaticidade textual e ênfase teatral – monta um cenário implícito de antropóides-agentes, pictóricos. Se por denotação são meros actantes funcionais da e na linguagem, já por sua conotação dramática, emergem como entidades “vivas”. Os actantes semióticos de Greimas – mediadores como funções discursivas – transmudam-se em seres, tornam-se equivalentes ontológicos na ação. As funções discursivas moldam seres, substâncias com propriedades existenciais. Por suas associações estilísticas, o drama descrito por Latour sugere uma leitura realista. Na conotação, de maneira implícita, a narrativa dramatúrgica latouriana eleva ontologicamente aquela simetria de lugares textuais expondo-a como ontologia simétrica efetiva entre as bactérias e Pasteur, entre humanos e não-humanos. E aí cria-se um problema e um embaraço. Não há como um historiador tomar bactérias e coisas como equivalentes ontológicos a humanos. O humano de Latour apresenta ambigüidades e dissonâncias, e sua simetria ontológica com não-humanos simplesmente as amplifica.

No cenário da vida, o humano é uma distinção construída. Cada ser humano é um artefato produzido no seu particular devir histórico. Não se nasce humano, torna-se. Em história entende-se que cada indivíduo biológico, dito “humano”, não nasceu assim. Ele tornou-se humano através de suas relações coletivas, societárias, em suas interações com o mundo. O humano não é um estado existencial biológico dado por uma tipologia inata ao ser. O humano é uma **condição** – uma condição histórica – do ser.

O ser torna-se humano ao se sujeitar ao processo histórico de humanização, um processo de vir-a-ser que o caracteriza e particulariza através da convivência e contágio com os demais humanos. Humanização que inscreve cada indivíduo biológico no evoluir constitutivo da humanidade. Aqui se confundem dois conceitos homônimos: humanidade como algo historicamente constituído – uma condição –, e humanidade como conjunto de indivíduos que formam uma espécie – uma taxonomia de essências. O ser biológico denominado *Homo Sapiens* é insuficiente para definir a qualidade humana que somente se dá no devir histórico, na existência concreta de cada indivíduo.

A animalidade do homem sofreu duas grandes transformações específicas. A primeira ocorreu na instância **filogenética**, de sua **hominização** biológica como antropóide, uma mutação física ocorrida durante milhões de anos que produziu uma espécie nova no gênero *homo*. Este animal, assim constituído, ingressou em um outro processo – mais recente, cerca de trinta mil anos – que instituiu a possibilidade de sua **humanização**. Enquanto que a hominização é de ordem material, genética, já na humanização há um tipo inaugural de mutação que ocorre na ordem simbólica. É uma “**filogênese histórica**” e desde então o animal *Homo Sapiens* frequenta a história e conquista a condição de sua humanidade. Há uns trinta mil anos o animal meramente biológico inventou a história e nela vem se desenvolvendo.

Mas para que esse processo amplo ocorra na espécie é necessário que cada indivíduo receba o batismo da história e que, assim, se torne um sujeito simbólico, isto é, que participe – na instância **ontogenética** – da herança histórica depositada em sociedade. A humanização de cada indivíduo é consequência de sua historicidade, de sua vivência simbólica em uma cultura. Cada bebê humano somente se constituirá como tal se seus primeiros anos de vida permitirem sua entrada no registro simbólico, se a sua convivência com os humanos já constituídos lhe abrir as portas de uma historicidade constitutiva de sua humanização. Não importa qual a cultura, o indivíduo somente se faz humano ao se tornar um sujeito histórico, ao estabelecer laços societários com os demais.

Este laço social é um vínculo instaurado no espaço simbólico da cultura que coage, sujeita os indivíduos e os torna sujeitos. Assim o animal humano se constitui em uma pessoa humana. A categoria de “**pessoa**” é básica para caracterizar a humanidade desse ente simbólico-material. (Ingold, 1999) Mas o que é uma pessoa? A pessoa possui uma história de vida, uma nacionalidade, fala um idioma, admite um conjunto de crenças e valores, ingressa no plano ético,

enfim, se humaniza. A categoria de “**pessoa**” retira os indivíduos do espaço meramente biológico. A pessoa é a condição de humanidade adquirida pelos indivíduos biológicos decorrente de seus agenciamentos no mundo, é um constructo social que garante a humanização de cada indivíduo. A pessoa não nasce como tal, é um artefato construído ao longo de sua história. Ingressa no registro simbólico e torna-se um falante que se expressa simbolicamente. Cada pessoa fala. Fala um idioma. Fala para outra pessoa. Pessoa é uma entidade simbólica, uma habitante do espaço-tempo cultural, um falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas, certamente, Latour não desconhece nada disto, e sua insistência em permitir a leitura ambígua de seu texto decorre da estratégia narrativa de, provavelmente, causar impacto na mídia acadêmica, como agenciamento político que demarca seu espaço autoral próprio, em seu embate com Bloor, o que evidentemente alcançou com mestria.

O que defendo aqui é que devido a tal “simetria de humanos e não-humanos”, tomada literalmente, Callon-Latour apagam as diferenças entre esses agentes, perdem as particularidades dos humanos – a produção das subjetividades, a incitação ao agir coletivo, os jogos políticos etc. – como um vir-a-ser histórico. Histórico entendido como seres que somente se definem em sociedade, em coletividades, que interagem com o seu meio ambiente e sofrem o agenciamento das coisas. Essa agência material fica dissimulada no animismo de Callon-Latour. Com isso, a sociologia perde a oportunidade de tratar de forma efetiva a agência material e suas consequências. Dessas, a mais notável é deixar de ver a linguagem como laço societário fundamental que se realiza na prática concreta dos humanos. Uma linguagem, não como produto mental dos seres racionais, que é ela mesma agência, que decorre da interação dos humanos com o mundo. Linguagem como prática, como convocação do outro, como apelo de vínculo social, como elo efetivo, como forma tipicamente humana de intervenção concreta no mundo, linguagem como ação material e política. Uma linguagem como agenciamento produtor de sentidos que afetam e transformam, e não como um mero produto de mentes excepcionais destinado a comunicar algo. Na simetria a história e seu fundamento, a linguagem-enlace-ação, desaparece e o que é específico do humano emudece.

Referências bibliográficas

- Asplen, Lisa (2006). "Decentering Environmental Sociology: Lessons from Post-Humanist Science and Technology Studies". *paper presented at the annual meeting of the American Sociological Association, Montreal Convention Center, Montreal, Quebec, Canada, Aug 10, 2006.*
18/11/2008 <http://www.allacademic.com/meta/p104647_index.html>
- Bloor, David (1991). *Knowledge and Social Imagery*. Chicago: University of Chicago Press. [1976]
- Derrida, Jacques (1999). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- Domènech, Miquel e Tirado, Francisco Javier (comps.) (1998). *Sociología simétrica*. Barcelona: Gedisa.
- Fiorin, José Luiz (2001). *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.
- Fleck, Ludwik (1979). *Genesis and development of a scientific fact*. Chicago: University of Chicago Press.
- Ingold, Tim (1999). "Humanidade e Animalidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, no. 28, ano 10, junho de 1999. 39-53.
- Latour, Bruno (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Latour, Bruno (2001). *A esperança de Pandora*. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Pickering, Andrew (ed.) (1992). *Science as practice and culture*. Chicago: The University of Chicago Press.